



www.centromariodionisio.org

Mário Dionísio

PINTURA 1988-1993

23.4.89

Desde a última nota que aqui escrevi, que profunda mudança! Publiquei A Morte é para os outros, é verdade e escrevi muitas outras coisas. Mas estava, entretanto, longe de saber que, dentro de algum tempo, consideraria a minha vida de escritor definitivamente terminada e outra vida nasceria duma outra parte de mim mesmo a que prestara muita atenção, às vezes, outras pouca, ou seja, a minha costela de pintor. Desde que me convenceram, enfim (foi a Ana Isabel desta vez) a fazer uma exposição individual, não tenho vivido para outra coisa. Desde Junho até ao fim de 88, pinteí trinta e tantos quadros, alguns não muito pequenos. Deu-se uma ligeira rotação nas minhas relações, agora muito mais com artistas plásticos e já não espero o resto da vida trabalhar senão com os pincéis. É um re-nascimento. O Armando Alves da Nasonia e o seu companheiro Cabecinha têm-me rodeado de atenções. Há tempos enviaram-me, do Porto, cinquenta e três telas de diversas dimensões. E eu olho para elas, talvez ligeiramente assustado, mas sem medo. Medo só tenho de que o coração (que tem andado pouco ajuizado) me falhe, quando sinto uma energia quase juvenil para pintar.

A tal exposição individual a que me recusei a vida inteira está agora marcada para Outubro, dia 26. E tenho-a pronta. Será uma retrospectiva, com setenta e quatro peças desde 1974, mas o grande peso dela é de quadros pintados de 70 e tal, sobretudo 88 para cá.

E não paro. Tudo isto é mesmo trabalho. Poderei, assim, ter nova exposição pouco depois da primeira. Ou não. Porque, como sempre não pinto para expor e é bom que esta disposição não me abandone.

Mário Dionísio, Diário (inédito)

Que não sou um pintor, mas só alguém que também pinta. Que não pinto para expor, para me exibir, muito menos para vender. Velhos passes de defesa, que, como se vê, falharam. Volto a página.

Não se junta nesta sala o que fiz durante quase cinquenta anos. Nem nela caberia. Nem certamente interessava. Muitos e muitos quadros, muitos mais dos que hoje existem por aqui e por aí, destruí-os eu próprio por raiva ou decepção. Infelizmente, penso às vezes. Ou deveria ter feito o mesmo a todos?

Quem cedeu alguma vez ao apelo da fala sem palavras que a pintura é, há-de entender-me, espero.

Esta exposição servirá ao menos para mostrar quanto o carimbo de «receita» e de «anti-arte moderna», tão repetidamente aplicado ao neo-realismo dos anos 40, será, no meu caso também, bem pouco rigoroso. E, ao mesmo tempo, como tudo no meu trabalho plástico foi (e é) antecipação e sequência da poesia de MEMÓRIA DUM PINTOR DESCONHECIDO, publicada em 65. Insinuada já em esquecidas tentativas, que descobri há pouco, de entre 41 e 44.

A pintura seria o paraíso se não fosse a consciência das nossas limitações. Consciência e criação não se querem muito juntas. Mas, mesmo assim, bendita seja ela, essa consciência.

Quantas afinidades! E, frequentemente, simultâneas! Não posso assim falar de fases, de influências, a propósito do que fiz e estou fazendo, mas antes de sinais dum gosto incorrigível de brincar com o lume, o meu vício maior. Por isso me deslumbrarão tanto um Uccello como um Rembrandt ou um Turner, um Bonnard como um Braque ou um Bissière (nem falemos de Picasso e de Van Gogh, onde tudo começou), um Szènes como um Pomar, um Appel ou um Tâpies, um Wols, o Asger Jorn da «Carta ao meu filho», não mais acabaria. E a sedução dos chamados «pequenos mestres»?

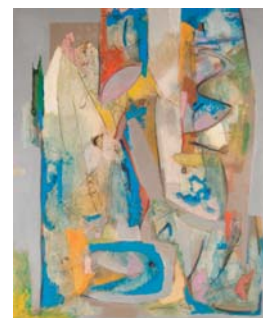
É natural que um artista procure inventar uma maneira e a cultive. Mais valerá copiar-se a si próprio do que a outros, afinal. Isso lhe facilitará a execução e o libertará das amargas incertezas que a pesquisa permanente traz consigo. Mas eu nunca senti essa humana tentação de fabricar uma receita e de explorá-la, saiba embora quanto isso faz perder em rapidez de produção e em êxito possível. Mas que quer dizer êxito? Para que serve?

Vou caminhando sem destino e sem repouso. Gostando sempre pouco do que pinto, precisando sempre muito de pintar. Assim foi, certamente assim será. Não ambiciono mais.

Mário Dionísio, Introdução ao Catálogo da Exposição na Galeria Nasoni Lisboa, 1989

- ● ● daí decerto o tal vício maior de gostar de brincar com o lume, ou seja, uma actividade permanente em desafio a si próprio e em sentidos diferentes, com a mesma paixão ou teimosia: professor (44 anos!), militante político, que continuou a ser mesmo depois de, por discordâncias de metodologia, se ver ou julgar sozinho, ensaísta de pendor polemizante, ficcionista, poeta – antes e depois de tudo, melhor: em tudo –, pintor, agora a tempo inteiro.

Mário Dionísio, AUTO-RETRATO
Diário de Lisboa, 2 de Fevereiro de 1990



MÁRIO DIONÍSIO

(1916-1993)

PINTURA 1988-1993

1 de Julho a 25 de Setembro 2017

porta

porta

porta

porta

Agora sim velhice
já cá no fundo mói
teu baço desencanto
de vidro despolido

um vidro despolido
que rasga a pele da mão
arde mais do que dói
e já não deita sangue

Não mais inquietação
nem ambição nem ira
Só coração exangue
de alguém que se retira

Amor da solidão
aceitação conformação

(mentira mentira)

Mário Dionísio
MEMÓRIA DUM PINTOR DESCONHECIDO
1965

entrada

escada

puxando as grades ver-se-ão mais quadros
de Mário Dionísio e de outros artistas

28
Férias da Páscoa
1992
acrílico s/ tela
60 x 72

29 (cima)
Limiar do sorriso
1992
acrílico s/ platex
80 x 90

27
Sem título nº 22 [2]
1993
acrílico s/ tela
130 x 97

26
Torvellinho
1990
acrílico s/ platex
50 x 65

25
Tissifur a lá
1990
Acrílico s/ platex
65 x 59

24
Paisagem deslizante
1989
acrílico s/ tela
81 x 65

23
Dia Cinzento
1989
acrílico s/ tela
92 x 73

Nos seus quadros abstractos, os títulos são geralmente atribuídos quando a realização do quadro se aproxima do fim. Dionísio é um abstracto com reminiscências. Dessas reminiscências, que se manifestam durante a realização, surgem os títulos. Alguns são tirados dos seus versos. Esta circunstância permite informar duplamente sobre a maneira como o autor sente os seus quadros e os seus versos.

Rui-Mário Gonçalves



33
De surpresa
em surpresa
1991
acrílico s/ tela
72 x 60

32
Encontros
casuais II
1992
acrílico s/ platex
90 x 72

31
O bordão
1992
acrílico s/ platex
80 x 90

30
O salto
1992
acrílico s/ platex
80 x 90

19
Sem título nº2
1992
acrílico s/ tela
100 x 81

20
Sem título nº4
1992
acrílico s/ tela
90 x 100

21
Sem título nº [?]
1993
acrílico s/ platex
62 x 68

22
Sem título nº16
1993
acrílico s/ platex
68 x 62

18
Visita à catedral
1988
Pastel-óleo s/ papel
54 x 37

17
A barragem do fogo
1988
pastel-óleo s/ cartolina
35 x 35

15
Sem título nº15
1993
acrílico s/ platex
100 x 81

16 (cima)
A derrocada III
1991
Acrílico s/ tela,
89,5 x 116,5

14
Sem título nº 22 [1]
1993
acrílico s/ tela,
100 x 81

13 (cima)
La joie de vivre
1990
acrílico s/ tela
100 x 81

12
Sem título nº17
1993
acrílico s/ tela
100 x 81

10
Sem título nº 20
1993
acrílico s/ tela
116 x 89

11
[Sem título]
1992
acrílico s/ tela
100 x 80

janela

janela

porta

EXPOSIÇÃO

RUA DA ACHADA, 11 - 1100-004 - LISBOA